

DIA DE SORTE OU AZAR?

Leonardo Cavalcanti
e João Pitella Jr.
Da equipe do **Correio**

Ao entrar hoje no seu gabinete, a deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB-DF) acenderá uma vela para espantar o azar. Antes, em casa, rezará para o anjo da guarda. É dia 13 de agosto e, para piorar, sexta-feira. Ela iria a São Paulo para um seminário sobre a participação política da mulher.

Iria. Resolveu cancelar a viagem — vai ficar em Brasília, no quinto andar da Câmara dos Deputados. “Prefiro não dar chance ao azar”, diz, precavida.

“O encontro era importante e quando expliquei a razão da desistência ninguém acreditou”, diz Maria de Lourdes, que contou a verdade para as organizadoras do evento. “Não pego avião numa sexta-feira 13, principalmente em agosto. A superstição vem da minha mãe, que chegou a torcer para que eu não viesse ao mundo em 13 de agosto”, diz ela, que acabou nascendo um dia depois.

O que impressionou as organizadoras do seminário em São Paulo não surpreende o agente de viagens Ronaldo Lima. “A emissão de bilhetes nacionais e internacionais cai pela metade num dia como esse”, explica Lima, que trabalha na Apolo Turismo. “As pessoas simplesmente desmarcam a passagem quando se dão conta de que o dia da viagem cai numa sexta-feira 13”, diz ele.

Existe uma explicação astrológica para a superstição. O Brasil se transformou em Nação em 7 de setembro de 1822. Assim, é do signo de Virgem — acredita-se, com isso, que o inferno astral do país cai justamente no mês de agosto. A sexta-feira estaria relacionada ao dia da crucificação de Jesus Cristo — seria, então, o dia do sofrimento para os cristãos. No candomblé e na umbanda, o dia é consagrado ao orixá Oxalá, ligado à idéia de pureza, quando todos vestem de branco.

O número 13 viria do tarô, um baralho com 77 cartas que representam as qualidades e os defeitos humanos. A carta 13 daquele baralho, que surgiu há quatro mil anos, é representada por um esqueleto segurando uma foice. A carta não representa a morte, necessariamente. Os tarólogos a interpretam como o aviso de ruptura e mudanças radicais.

MISTICISMO

O misticismo é alimentado pelas tragédias que aconteceram em agosto, como o início da Primeira Guerra Mundial. “Imagine uma pessoa que tem medo de avião e precisa viajar numa

Fotos: Wanderlei Pozzembom



Maria de Lourdes, que faz aniversário amanhã, acende a tradicional vela: “Não pego avião numa sexta 13. A superstição vem de minha mãe”

RECEITA DE QUEM É SUPERSTICIOSO

	Itamar Franco, governador de Minas Gerais e ex-presidente da República Acende um incenso de canela para atrair bons fluidos, e, não satisfeito com isso, aconselha os amigos a não saírem de casa na data fatídica.	Liége Monteiro, socialite carioca Veste-se de branco todas as sextas-feiras, e quando é sexta-feira 13 nem sai de casa. Desvia de gato-preto. Guarda, na mesa de cabeceira, uma taça com água para limpar os maus fluidos.	Luís Carlos Sigmaringa Seixas, advogado e ex-deputado federal Evita entrar em aviões neste dia.
Jorge Benjor, cantor Fica em casa o dia inteiro, só faz o que for estritamente necessário, para não correr riscos. Quando os seus shows caem na sexta-feira 13, não tem dúvidas: muda logo a data.	José Sarney, senador pelo PFL do Amapá e ex-presidente da República Conhecido pela superstição, fica mais alerta do que nunca na sexta-feira 13. Não usa terno marrom e faz questão de sair dos lugares pela mesma porta que usou para entrar.	Tasso Jereissati, governador do Ceará Simplesmente fica apavorado na sexta-feira 13. Desmarca os compromissos fora do gabinete e não viaja de avião.	Roberto Carlos, cantor Só usa roupas em tom de azul e branco, e sai de perto se alguém estiver com roupa marrom.

sexta-feira 13. É um bom motivo para não embarcar”, disse o ex-deputado Sigmaringa Seixas — que tem pavor de aeronaves e é tido como supersticioso.

A socialite e empresária brasiliense Wilma Magalhães, de 34 anos, vê a sexta-feira 13 como nada mais do que um bom pretexto para fazer festa — o que, aliás, é uma das suas atividades preferidas. Ela vai aproveitar a data para organizar uma noite gótica em sua boate, a *Sétima Arte*, na Asa Sul. “Todo mundo vai de preto, com velas na mão”, diverte-se.

“Mas acho que, depois de toda essa pressão em torno do fim do mundo, que acabou não acontecendo, ninguém vai ligar muito para a sexta-feira

13. Para mim, o 13 é um dia de sorte. Na verdade, eu acho que tudo dá sorte, essa história de azar não tem vez comigo”, garante ela.

Os atletas costumam ser mais cautelosos. O ex-goleiro Paulo Victor de Carvalho, que mora em Brasília e jogou no Fluminense e na seleção brasileira, diz que “felizmente” nunca jogou numa sexta-feira 13. Na época, as partidas costumavam acontecer aos domingos e quartas-feiras. Mesmo assim, ele recorda que não faltavam superstições antes e depois dos jogos. “Ninguém queria passar embaixo de escadas e era importante entrar em campo com o pé-direito.”

Quem diz que não acredita

em superstições faz o possível para respeitar as dos outros. Quando era governador, Cristovam Buarque havia programado uma visita ao senador José Sarney (PMDB-AP), considerado um dos políticos mais supersticiosos de Brasília. “Na saída do meu gabinete, um assessor me alertou que eu estava vestindo terno marrom, uma cor que Sarney não suporta”, afirmou Buarque, que mandou buscar outro terno.

Ao assumir a Presidência da República, Sarney mandou bens-herdeiros do Palácio do Planalto para espantar mau-olhado. Ele também costuma sair de um local pela mesma porta que usou para entrar. “O Cristovam foi prudente ao trocar o terno. Sar-

ney ficaria desconfiado”, afirmou o ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) Marcos Vilaça, que se diz um supersticioso ortodoxo. “Discuto esse assunto seriamente.”

Membro da Academia Brasileira de Letras, Vilaça guarda em casa cerca de 20 livros nacionais e estrangeiros sobre superstições. “Não tenho problemas com o número 13 nem mesmo com a sexta-feira, mas não me peça para entrar num carro verde ou sentar à cabeceira da mesa de reuniões da Academia”, diz ele.

ORIGINAL

Se Cristovam não é supersticioso, pelo menos foi acusado de azarado pelos correligionários do então candidato Joaquim Roriz, do PMDB. O partido de Cristovam (PT) tinha o número 13 na cédula eleitoral. Roriz, por sua vez, mesmo depois de ter se tornado governador continua morando em sua casa no setor Park Way, que tem o número 13.

O 13 é o favorito do deputado José Genoíno (PT-SP). “É meu número de sorte. Ganhei várias eleições com esse número”, diz ele. O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) tem uma única superstição, mas bem original: “Tem um senhor de Juiz de Fora (MG) que se chama Antônio Me Abraça, que quando aparece traz um azar danado. Se ele aparecer na minha frente amanhã (hoje), pode ter certeza que eu desapareço para bem longe.”

NA BOCA DO Povo

Você acredita que sexta-feira 13 dá azar?

TATIELLE CHAVES, estudante, 16 anos, Ceilândia



“Não acredito nessa história de sexta-feira 13, embora ouça muita gente falando dela. Eu sou otimista, por isso não fico pensando que alguma coisa vai dar azar. Sou católica, acredito muito em Deus e ele está acima de qualquer superstição.”

ÉLCIO DA SILVA FARIA, desempregado, 37 anos, Asa Sul



“Eu não acredito, mas a superstição é muito grande por aí. Falam nessas histórias de fim do mundo e do mês de agosto, mas, para mim, o que deu azar mesmo foi acreditar no Programa de Demissão Voluntária (PDV) do governo. Por isso é que eu fiquei desempregado.”

ELIETE CAVALCANTI, 57 anos, funcionária pública, Asa Sul



“Esse negócio de sexta-feira 13 é brabo mesmo. A gente sempre fica com medo de alguma coisa, como passar embaixo de escada. Também não gosto da cor roxa. Ela dá azar, porque lembra caixão de defunto. Só não tenho medo de gato preto, pois fui acostumada com esses bichos desde pequena.”

ANSELMO DOS SANTOS, 54 anos, motorista, Céu Azul (GO)



“Acredito em sexta-feira 13, porque, afinal de contas, ela existe. Mas não acho que dê azar. Quando a gente tem que ter azar, pode ser numa segunda-feira, no sábado, no domingo. Pode ser no dia um, dois, três, qualquer dia.”